

---

## HUMANO-REGÊNCIA E A TOMADA DE CONSCIÊNCIA: UMA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DA DISCIPLINA DE REGÊNCIA NO CURSO DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

*João Paulo Ribeiro de Holanda\*, Yure Pereira de Abreu\*\*, Elvis de Azevedo Matos\*\*\**

### RESUMO

Este artigo compartilha dados de uma observação participante da disciplina de Regência 2 do curso de Música-Licenciatura da Universidade Federal do Ceará, buscando ressignificar um sentido bancário (Freire, 2024) de educação musical e mensurando acepções teórico-práticas sobre os processos de aprendizagem estabelecidos ao longo do semestre de 2024.1 do componente curricular. A pesquisa é descritiva, com orientação qualitativa, em modo hipotético-dedutivo, configurando-se como uma pesquisa etnográfica, com observação participante e revisão bibliográfica. A análise dos dados é descritiva e paralela à apresentação dos resultados. A investigação demonstrou a necessidade de ampliação dos sentidos sobre regência ou didática da regência, para que se considerem saberes estéticos e sensíveis como parte integrativa dos processos de ensino e aprendizagem escolar.

**Palavras-chave:** educação musical; regência; pedagogia crítica.

---

\* Doutorando em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Ceará (IFCE). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3258-3882>. Correio eletrônico: joao.holanda@ifce.edu.br.

\*\* Doutor em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de Artes da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2151-2502>. Correio eletrônico: yureabreu@alu.ufc.br.

\*\*\* Doutor em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo da Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3522-0305>. Correio eletrônico: elvis@ufc.br.

**HUMAN-CONDUCTING AND THE AWAKENING OF CONSCIOUSNESS:  
A PARTICIPANT OBSERVATION OF THE CONDUCTING COURSE IN THE MUSIC  
PROGRAM AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF CEARÁ**

**ABSTRACT**

*This article shares data from a participant observation in the course "Conducting 2" of the Music-Licensure program at the Federal University of Ceará, aiming to reframe a banking concept (Freire, 2024) of music education and measuring theoretical-practical perceptions of the learning processes established throughout the 2024.1 semester of the curricular component. The research is descriptive, with a qualitative orientation, in a hypothetical-deductive approach, configuring itself as ethnographic research, incorporating participant observation and a literature review. Data analysis is descriptive and runs parallel to the presentation of results. The investigation demonstrated the need to expand meanings related to conducting or conducting pedagogy, so that aesthetic and sensitive knowledge is considered an integral part of school teaching and learning processes.*

2

**Keywords:** music education; conducting; critical pedagogy.

**DIRECCIÓN HUMANA Y LA TOMA DE CONSCIENCIA:  
UNA OBSERVACIÓN PARTICIPANTE DE LA ASIGNATURA DE DIRECCIÓN EN EL  
CURSO DE MÚSICA DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE CEARÁ**

**RESUMEN**

*Este artículo comparte datos de una observación participante en la asignatura "Dirección 2" del curso de Música-Licenciatura de la Universidad Federal de Ceará, buscando resignificar un sentido bancario (Freire, 2024) de la educación musical y medir las acepciones teórico-prácticas sobre los procesos de aprendizaje establecidos a lo largo del semestre 2024.1 de este componente curricular. La investigación es descriptiva, con orientación cualitativa, en un enfoque hipotético-deductivo, configurándose como una investigación etnográfica, con observación participante y revisión bibliográfica. El análisis de los datos es descriptivo y*

*paralelo a la presentación de los resultados. La investigación demostró la necesidad de ampliar los significados sobre la dirección o didáctica de la dirección, para considerar los saberes estéticos y sensibles como parte integradora de los procesos de enseñanza y aprendizaje escolar.*

**Palabras clave:** educación musical; dirección; pedagogía crítica.

## 1 INTRODUÇÃO

Em seus escritos sobre experiência, Jorge Larossa (2022) chama atenção para um novo paradigma do conhecimento, pautado no alargamento da consciência dos entes envolvidos nos processos de formação, que ressignifica a clássica bipartição epistemológica (racionalismo e empirismo) do ocidente, sugerindo que o processo de aprendizagem é um ato solidário pautado no estabelecimento de conexões e conflitos com diferentes alteridades e fenômenos.

Esse saber, que, antes de qualquer coisa, é experiência, só pode ser vivenciado à medida que o sujeito em aprendizagem se expõe, mobiliza-se para o Ser Mais (Freire, 2024), para as potências investigativas e criativas da construção e percepção do conhecimento. Semelhante ao que ocorre no início do lecionar, no chão da escola, é necessário mais do que um domínio catedrático formal dos conteúdos; é preciso transpor/compartilhar esses saberes de forma singular e identitária.

Devido a essas questões, a disciplina de regência dos cursos de música-licenciatura, enquanto processo de condução e criação artística, naturalmente, deveria estar imbuída desse *saber experiência* (Larossa, 2022). Contudo, como afirma a professora Izaíra Silvino Moraes sobre a regência coral (2019 *apud* Matos, 2022, p. 15), “é bem difícil uma abordagem que não esteja presa às questões de tempo medido, linha de regência e gestual de regência, para a execução de obras musicais”.

Esse recorte revela uma atitude muito comum no sistema educacional, a mera repetição irrefletida de métodos de ensino cartesianos, principalmente quando se está inserido na lógica racionalista do ocidente, que tem em sua base a primazia do que é considerado como útil sobre a fruição estética (Brito, 2010).

Isso não significa que os aspectos métricos musicais não sejam relevantes, mas que eles, sozinhos, não são suficientes para abarcar a complexidade artística-educacional, o que aponta

para um cuidado com a utilização “burocrática” dos conteúdos, que reduz o ensino em geral e o artístico a um virtuosismo formal (Rancière, 2021).

Nesse espectro fica sugerida uma perda de substancialidade do fenômeno musical, desvinculando-o de seu potencial ôntico e epistêmico, o que Adorno e Horkheimer (2021) denominaram como processo de industrialização da cultura, modelos padronizados e mecânicos de expressão artística, que foram sendo sedimentados por projetos históricos de dominação, institucionalização do ensino de música e sedimentação do mercado artístico (Holler, 2005; Souza *et al.*, 2020).

Pensando nessa perda de substancialidade, dos fenômenos artísticos/musicais, resolvemos compartilhar um estudo em contraponto, uma pesquisa descritiva em orientação qualitativa em modo hipotético-dedutivo, configurando-se uma pesquisa etnográfica, em observação participante e revisão bibliográfica, feita na Universidade Federal do Ceará (UFC), por meio do acompanhamento da disciplina de Regência 2 do curso de Música-Licenciatura.

Nosso objetivo é apresentar possibilidades epistêmicas contemporâneas para ressignificar esse sentido bancário (Freire, 2024) de educação musical, compartilhando acepções teórico-práticas sobre os processos de aprendizagem estabelecidos ao longo do semestre de 2024.1 do componente curricular supracitado.

Acreditamos escopo teórico-prático do componente curricular traz uma concepção humana e solidária de educação musical, vinculada diretamente ao campo de estudos da Aprendizagem Musical Compartilhada<sup>1</sup> desenvolvidos na pós-graduação em educação da UFC por meio do estágio supervisionado.

Para fundamentar epistemologicamente e teoricamente o nosso trabalho, descreveremos, principalmente, por meio de revisão de literatura as intersecções entre o pensamento de Hegel (2007), Freire (2024), Moraes (1993) e Matos (2022). Em seguida, fazemos anotações de campo e suas análises, para reafirmar hipoteticamente uma possibilidade pedagógica divergente da hegemônica, a qual nos referiremos neste escrito como “humano-regência”, conceito que será mais bem compreendido a partir da leitura dos tópicos subsequentes.

---

<sup>1</sup> Aprendizagem Musical Compartilhada. **Revista Docentes**, [S. l.], v. 9, n. 30, p. 1-12, 2024. Disponível em: <https://periodicos.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/1381>. Acesso em: 7 mar. 2025.

## 2 INTERSECÇÕES EPISTEMOLÓGICAS E TEÓRICAS

Segundo Matos (2022, p. 47), a “música é patrimônio humano, caminho de humanização e transcendência”. Tomando essa afirmação como estandarte, recorreremos à tradição filosófica na figura de Hegel, no recorte da tomada de consciência como forma de emancipação dos sujeitos.

Em correlação, articulamos o que Paulo Freire (2024) explana como um impulso ontológico de luta pela humanização, bem como o que Moraes (1993) e Matos (2022, p.85) afirmam sobre a compartilha do “Eu sonoro” enquanto uma viagem pelo/no coletivo ao interior de si mesmo (*Bildung*), para que o indivíduo possa se fortalecer e estabelecer parcerias éticas, estéticas e solidárias (*Ubuntu*).

### 2.1 Hegel e a tomada de consciência

Para Hegel (2007), a percepção que o sujeito tem de si mesmo é resultado de vários movimentos dinâmicos e dialéticos em sua trajetória, desde a tenra idade, por meio de processos sensoriais até chegar a abstrações mais complexas na vida adulta. Essas formas de consciência estão em constante evolução e mudança, alterando nossa cosmovisão, nossa forma de enxergar, apreender e compreender a realidade.

5

O primeiro impulso da criança já carrega em si esta transformação prática das coisas exteriores. O menino joga pedras no rio e admira os círculos que se formam na água, como uma obra, na qual ele ganha a intuição do seu ser próprio (*des Seinigen*). Esta necessidade (*Bedürfnis*) prossegue através de múltiplas aparições, até alcançar a forma da produção de si mesmo nas coisas exteriores, como é o caso da obra de arte (Hegel, 1999 *apud* Gonçalves, 2005, p. 265).

Esse é o processo dialético de desenvolvimento da nossa autoconsciência, ou seja, o momento em que nos reconhecemos como humanos em nossa própria subjetividade. Ele se dá por meio dos infinitos caminhos formativos e de constituição do Eu, em uma relação fenomenológica dialética de interioridade e alteridade no contato com o mundo exterior e com nossas experiências.

## **2.2 Freire e a vocação ontológica para o “Ser Mais”**

Entendendo esse processo gnosiológico de Hegel, Freire (2024) adiciona uma perspectiva libertária a essa tomada de consciência, uma dimensão constitutiva do sujeito, que precisa superar algumas imposições históricas e sociais para chegar à verdadeira consciência de si enquanto sujeito potencialmente livre, o que ele denomina de vocação ontológica para o Ser Mais na luta por humanização.

Entenda-se luta por humanização como um processo dialético, semelhante ao hegeliano, porém com o intuito de superar o que Freire (2024) denomina como estado animalesco de acomodação e ajustamento, imposto por projetos de dominação, colonização e alienação dos sujeitos em suas capacidades e potenciais criativos.

Os indivíduos que mantém sua cognição nesse estado animalesco, segundo Freire (2024, p. 82), estariam em um estágio de consciência intransitiva, uma limitação de apreensão sobre si e da realidade contextual, estando à mercê de determinações e definições externas de outrem para o seu modo de existir e ser no mundo.

Contudo, através do processo de educação como prática da liberdade, esses indivíduos adquirem modos dialógicos de questionamentos e inferências sobre o estado das coisas, se transitivando através de compartilhas com o seu semelhante e com o mundo circundante. Esse pensamento reitera-se, também, na dissertação da ex-professora da Faculdade de Educação da UFC Izaíra Silvino Moraes (1993).

## **2.3 Izaíra Silvino Moraes e o Passeio pelo/no Coletivo**

Para a maestrina (Moraes, 1993), o ensino artístico deve se pautar na compartilha, uma vez que se mantenha ao longo do processo formativo a devida atenção à individualidade e à singularidade do espaço particular, com o intuito de evidenciar o sujeito como protagonista de sua formação. Assim, essa tomada de consciência seria inviável sem um passeio pelo/no coletivo educacional.

Em transposição didática e epistêmica, trata-se da ideia de uma vocação ontológica individual/coletiva passeante: “o indivíduo como protagonista de sua própria história, construtor e agente de transformação pessoal e social por meio do ser e fazer música” (Holanda *et al.*, p. 23, 2024). Essa proposição é denominada pela autora de Passeio Pelo/No Coletivo:

chamei o método [...] de PASSEIO PELO/NO COLETIVO. Era uma pessoa, um ser individual quem passeava, mas o passeio só se realizava se esta, se cada passeante, fosse coletivo. ‘O homem torna-se indivíduo na medida em que produz uma síntese em seu EU, em que transforma conscientemente os objetivos e aspirações sociais em objetivos e aspirações particulares de si mesmo e em que, desse modo, “socializa” sua particularidade (Moraes, 1993, p. 93).

Moraes (1993) executa uma síntese com os autores destacados anteriormente, Hegel e Freire, pois a tomada de consciência transitiva-crítica se daria na descoberta de si como um indivíduo potencialmente livre e criativo por meio da compartilha dessa autoconsciência. Ela entende que a imposição de outras visões, egocêntricas e reducionistas da realidade, ocasionariam prisões existenciais e, por consequência, fomentariam ideais hegemônicos e não democráticos de constituição social dos sujeitos em aprendizagem.

## **2.4 Matos e a compartilha do “Eu Sonoro”**

Aliado a essas inferências, o professor Elvis Matos (2022, p. 43), atual orientador do Programa de Pós-graduação em Educação da UFC, define a música como “um evento social: um momento no qual as pessoas, mesmo com todas as suas diferenças, podem se irmanar, conduzidas pelo tecido sonoro que as envolve”. Assim, o fazer música em sua epistemologia, ou seja, na compartilha, é um ato de aprendizagem (transgressor) e deveria ser inerente aos processos de formação continuada dos sujeitos em sociedade e sua luta coletiva e diária por humanização.

Nesse momento direcionamo-nos ao escopo mais delimitado de nossa pesquisa, a disciplina de Regência, à medida que esse componente curricular se propõe a uma multiplicidade de agências. No entanto, percebemos que ainda persiste uma busca obsessiva por uma instrumentalização de rigor metódico, pantométrico e psicométrico, de dominação racionalista do fazer musical, que anula a compartilha e autocentra o aprendizado musical de regência na capacidade individual de executar gestos catequéticos.

No intuito de apresentar possibilidades pedagógicas sobre regência musical pautada na tomada de consciência transitiva-crítica e em luta compartilhada por humanização (Humano-Regência), explanaremos nos tópicos subsequentes os procedimentos metodológicos e uma síntese das anotações de campo interpoladas por análises descritivas e teóricas oriundas de uma observação participante do componente curricular Regência II, do curso de Música-Licenciatura da UFC, ministradas pelo docente mencionado.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nossa investigação, segundo seus propósitos mais gerais, trata-se de uma pesquisa descritiva, detendo-se “[...] à descrição das características de determinada população ou fenômeno” (Gil, 2025, p. 42). Segue uma orientação qualitativa em modo hipotético-dedutivo. Partimos da hipótese que, através da observação participante da disciplina Regência II, do curso de Música-Licenciatura da UFC, haveria abordagens epistêmicas do ensino de música aliadas a visões educacionais mais contemporâneas. Trata-se, outrossim, de uma pesquisa etnográfica.

A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades, os modos de vida do indivíduo ou do grupo social. Faz um registro detalhado dos aspectos singulares da vida dos sujeitos observados em suas relações socioculturais. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhando com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa (Severino, 2017, p. 122).

No espectro da pesquisa etnográfica, mais especificamente o da observação participante, nosso estudo seria, para Angrosino (2009, p. 34), um processo formativo de aprendizagem pelo envolvimento nas atividades de um determinado grupo ou comunidade. Não seria “propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa, que depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados”.

8

Portanto, a observação participante é, na visão de Erickson (1986), de outra natureza. Segundo ele, a natureza da observação participante é indicada pelo próprio nome do método, é a participação ativa com aqueles que são observados. A participação do pesquisador pode variar ao longo de uma continuidade, com a participação mínima envolvendo, em primeiro lugar, a sua presença durante os eventos que são descritos, e a máxima participação envolvendo as ações do pesquisador, quase como qualquer outro participante da pesquisa o faz nos eventos que ocorrem enquanto o pesquisador está presente (Mattos, S. P., 2011).

Nossa coleta de dados se deu por meio do acompanhamento regular da disciplina de Regência II no segundo semestre de 2024 do calendário civil. No calendário acadêmico, tratava-se do período referente a 2024.1, com ocorrência semanal às terças-feiras pela manhã, das 10h às 12h, no *campus* do Pici, UFC, no curso de Música-Licenciatura.

Os recursos etnográficos usados para a coleta de dados durante o período da observação participante foram: diários de campo com anotações detalhadas dos acontecimentos em sala, partituras musicais, proposições pedagógicas por meio de gestuais espaciais para a regência dos alunos e a memória dos encontros.

Após esse levantamento, seguimos com a interpretação e síntese dos dados, relatadas na próxima seção, na expectativa de compartilhar um compilado didático original que refletia a *práxis* pedagógica observada. Fazemos, ainda, interpolações metodológicas no diálogo com os autores citados no *corpus* epistemológico e teórico desse trabalho.

## **4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ANOTAÇÕES DE CAMPO**

O contato com a disciplina de Regência II, na Universidade Federal do Ceará (UFC), em uma pesquisa etnográfica observacional, promoveu amplos sentidos formativos, desde a reconexão com o ambiente primeiro de educação musical formal até a exploração de novos paradigmas estudados em sala com os discentes.

9

Pudemos acompanhar a rotina escolar do componente junto a sua transposição didática, um fazer artístico complexo e cheio de nuances de construção e atravessamentos da subjetividade e individualidade dos entes. Reger exigiu transpor/compartilhar saberes de forma singular e identitária. Acompanhar a regência dos discentes nos revelou matizes plurais, que extrapolaram a bipartição científica do ocidente; não eram apenas aspectos racionais e objetivos.

Promoveu-se um alargamento desse dualismo, pois, ao se conectar com alteridade do outro, em um ato solidário, na condução de uma obra, o discente compartilhava sua própria verdade/coletiva/individual. Estudando a mesma peça musical, arranjo e afinação, cada indivíduo que ali se achegava para reger enunciava novos sentidos discursivos, sensíveis e estruturais para a obra.

### **4.1 Processo de aula: a rotina dos encontros**

Ao longo do semestre estabeleceu-se uma estrutura de organização das aulas em quatro momentos complementares, essa divisão ajudava os estudantes na desinibição, a se integrarem ao coletivo e aquecerem a voz para cantar em coro. Abaixo será descrito em resumo o que acontecia em cada ato.

#### **4.1.1 Vivência Musical Compartilhada**

As aulas começavam com uma vivência musical compartilhada, majoritariamente baseada na improvisação livre (experimentação sonora envolvendo sons vocais e corporais diversos, sem uma estrutura pré-determinada ou alturas necessariamente definidas). O professor iniciava o processo com um mote improvisado e, em seguida, passava a vez ao estudante ao lado, até que todos contribuíssem com suas próprias propostas sonoras de improviso. Em algumas aulas, o docente utilizava dispositivos materiais, como bolas, que eram lançadas aos estudantes para indicar quem faria a proposição naquele momento.

Outra variação consistia na sobreposição das propostas de improviso, um recurso conhecido na linguagem musical como *ostinatos* sobrepostos. Em vez de cada estudante executar sua proposta individual separadamente, os mites eram combinados em sequência, criando uma construção sonora coletiva.

Para que essa sobreposição fosse harmônica, os estudantes precisavam ouvir ativamente uns aos outros, permitindo que as proposições dialogassem musicalmente entre si. Após esse momento integrativo, de presença e interação, a aula seguia com o aquecimento vocal.

10

#### **4.1.2 Aquecimento Vocal**

Nesse momento da aula, o docente executava junto com a turma exercícios musicais de vocalizes (motes melódicos para serem repetidos vocalmente com alternância de tonalidades), os discentes eram divididos em seus respectivos *naipes* da estrutura coral (Soprano, Contralto, Tenor e Barítono). Ficou nítido, por semelhante, uma atenção específica para não alienar o ato fonatório a um mero exercício de treinamento muscular para controle da emissão.

Após findar o aquecimento vocal seguia-se para a passagem específica do repertório estudado ao longo do semestre. Não existia uma delimitação firme entre a finalização do aquecimento vocal para o começo da passagem do repertório com os estudantes, por vezes, esses momentos se confluíam.

#### **4.1.3 Passagem Repertório**

Na seleção do repertório, parte das canções foi predefinida pelo docente, enquanto outra parte ficou a critério dos estudantes, com preferência por arranjos ou composições autorais dos discentes. Os arranjos mais estudados ao longo do semestre foram “*Viva eu, viva tu*”, uma composição a duas vozes (graves e agudos) que faz referência às músicas da cultura da infância, e “*Rosmaren*o”, uma adaptação de “*Alecrim Dourado*” no idioma artificial esperanto, escrita para três vozes (soprano, tenor e barítono).

Na prática dos arranjos com a turma, foi utilizada a transposição didática oral das vozes, na qual um naipe observava, sentia e percebia a voz do outro enquanto aguardava sua vez. Em seguida, o processo se repetia, resultando em uma expressão coletiva de unidade na diversidade, refletida nas próprias estruturas dos arranjos musicais.

#### **4.1.4 Regência das canções pelos estudantes**

11

Nesse momento da aula, marcado pela tomada de decisão, o sujeito regente que se dispunha a conduzir a turma já transcendia, em alguma medida, os paradigmas educacionais enraizados na valorização excessiva do pensar em detrimento do sentir, conceitos originários da bipartição cartesiana entre corpo (*res extensa*) e alma (*res cogitans*) (Descartes, 2002). Afinal, a exposição discente nesse contexto representava um ato de coragem significativo, contrapondo-se à escassez de estímulos para atividades criativas ao longo da educação básica e na sociedade em geral (Gomes, 2015).

Com a definição desses quatro momentos complementares da aula de Regência 2, torna-se possível alcançar acepções pedagógicas mais precisas e inferir premissas educacionais que orientam a humano-regência como objeto de investigação deste artigo. Essa compreensão será sistematizada e descrita no tópico subsequente.

### **4.2 Síntese das observações e anotações de campo**

Destacaremos três dimensões didático-pedagógicas sintéticas dessas observações e anotações de campo, aglutinadas em macrodispositivos percebidos pelos autores ao longo do semestre. Tivemos o intuito de fornecer uma reflexão dialógica da teoria com a prática e

compartilhar atitudes pedagógicas tidas como essenciais para a aprendizagem do que estamos chamando de humano-regência pelos sujeitos investigados.

#### **4.2.1. Reger exige uma apropriação de si mesmo para que se possa ter uma atitude com relação ao outro**

Nesse quesito, o docente responsável (Elvis Matos) pela disciplina sempre conduziu a turma para um exercício de liberdade (Freire, 2024). Explicados os sentidos estéticos formais e estruturais das peças, era estimulada nos alunos a vivência da experiência de conduzir o grupo. Porém sempre respeitando a vontade individual discente.

A centralidade na figura do regente não faz dele o único ser que sente a música durante seu estudo nos ensaios e nas apresentações públicas. Todos os que participam do processo são seres de sensibilidade e, assim, com seus diversos sentimentos, contribuem para com a riqueza musical que um grupo pode realizar (Matos, 2022, p. 43).

Percebeu-se que o empoderamento discente é uma condição essencial para a regência, permitindo que o estudante se reconheça como um indivíduo com potências criativas e comunicativas em música. Essa percepção do Eu sonoro identitário, apontada por Izaíra Silvino (1997), manifesta-se como um percurso pelo/no coletivo. Esse aspecto está diretamente relacionado ao próximo tópico, pois a exposição excessiva sobre os modos de fazer algo pode resultar em uma repetição mecânica e irrefletida (Rancière, 2002).

12

#### **4.2.2. Evitar explicações demasiadas**

Explicar em demasia a operacionalização do ato de reger pode anular os sentidos próprios, individuais e criativos do sujeito que regerá. Na contramão disso, se faz necessário estimular os estudantes a encontrarem suas próprias soluções para as dinâmicas e desafios da regência da obra, pois os caminhos de expressão das dinâmicas musicais de um arranjo são plurais e não há um melhor ou pior do que o outro. No entanto, existem aqueles que comunicam e aqueles que não comunicam, o que virá a ser entendido melhor com a apresentação da próxima formulação teórica.

#### **4.2.3. O corpo que rege**

Comunicar algo a alguém parece uma tarefa fácil devido à corriqueira utilização da linguagem. Porém, no fazer musical existem nuances de traduções intersemióticas e simultâneas na relação melodia, letra e arranjo que não podem ser entendidas exclusivamente pelo viés da linguagem verbal.

Há uma construção de um corpo coletivo, que se desenvolve discursivamente, enquanto ato, para além dos campos semânticos da linguagem. Nessa lacuna, o corpo que rege é um corpo que “fala”; assim, o mínimo movimento ou expressão corporal é percebido pelo coro como algo significativo, gerando uma reação imediata ao comando da regência.

### **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio das discussões apresentadas neste trabalho, fica clara a necessidade de uma ampliação dos sentidos de regência ou didática da regência, que considere saberes estéticos e sensíveis como parte integrativa dos processos de ensino e aprendizagem escolar, rompendo-se com a utilização meramente mercantil da arte como subproduto de uma indústria cultural.

Evidencia-se também a busca de uma educação musical, em seus modos de regência, pautada na consciência transitiva crítica em um *ethos* formativo solidário, evitando o modelo tradicional virtuosístico de memorização de movimentos robóticos e métricos como fim último da aprendizagem e expressão do ato de reger.

A música é algo do humano para o humano na consciência de sua luta por humanização. A música e seu ensino-aprendizagem fornecem sentidos e caminhos para as nossas punções ontológicas do Ser Mais freiriano e nos ajudam a descobrir novos paradigmas inventivos na compressão do Eu, do outro e do mundo que nos rodeia. Esperamos que este trabalho possa contribuir com pesquisas, que assim como esta, se veem tão livres ao ponto de compartilhar seus achados.

13

### **REFERÊNCIAS**

ADORNO; Horkheimer. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BRITO, Teca Alencar de. Ferramentas com brinquedos: a caixa da música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 24, p. 89-93, set. 2010.

DESCARTES, René. **Discurso do método**: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. São Paulo: Paulus, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. Barueri: Atlas, 2025.

GOMES, Rita Helena S. F. Sensível, Eu!? Reflexões sobre o (não) lugar da sensibilidade na educação. In: ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; ROGÉRIO, Pedro; NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo. **Educação musical**: reflexões, experiências e inovações. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p. 195.

GONÇALVES, Márcia. Uma concepção dialética da arte a partir da gênese do conceito de trabalho na fenomenologia do espírito de Hegel. **KRITERION**, Belo Horizonte, n. 112, p. 260-272, dez. 2005.

HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOLANDA, João; Matos, Elvis; ALBUQUERQUE, Luiz. Um passeio pelo/no coletivo e o ser mais em alegria: nexos teóricos partilhados com abordagem musical compartilhada em Snyders, Freire e Moraes. **Revista Docentes**, [S. l.], v. 9, n. 30, p. 22-27, 2024. Disponível em: <https://periodicos.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/1366>. Acesso em: 31 maio 2025.

HOLLER, M. T. A música na atuação dos Jesuítas na América Portuguesa. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA ANPPOM, 15., 2005, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANPPOM, 2005. p. 1131-1138. Disponível em: [https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2005/sessao19/marcos\\_holler.pdf](https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao19/marcos_holler.pdf). Acesso em: 23 jul. 2024.

LAROSSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MATOS, Elvis de Azevedo. **Regência**: prática musical reflexões compartilhadas. 1. ed. São Paulo: Lucel, 2022.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MORAES, Izaíra Silvino. **Arte no processo de formação do educador**: estratégias de aquisição e experiência compartilhada da sensibilidade artística e de linguagem musical ou um passeio no coletivo. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1993.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RANCIÈRE, Jaques. **Tempos modernos:** arte, tempo, política. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUZA, Clarissa Lotufo de; RAMIREZ, Liz Leticia Martinez; LARSEN, Juliane Cristina. A presença da colonialidade na constituição de grades curriculares dos cursos de graduação em música de instituições de ensino superior da América Latina e Caribe. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 122-152, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/17610>. Acesso em: 4 set. 2024.

Recebido em: 25 jul. 2025.

Aceito em: 3 set. 2025.